

Memórias de docentes: narrativas sobre saberes e fazeres de duas professoras rurais de Caxias do Sul/RS (1920-1950)

5

Memories of teachers: narratives about knowledge and make two rural teachers of Caxias do Sul/RS (1920-1950)

Gelson Leonardo Rech*

Lúcio Kreutz**

Terciane Ângela Luchese***

Resumo: O presente texto narra a história de duas professoras rurais que atuaram em Caxias do Sul, no período de 1920 a 1950: Alice Gasperin e Irides Lourdes Rech. Entretecer a história da educação do município a partir das histórias ordinárias de vida dessas professoras nos permite compreender os cenários escolares rurais: os saberes ensinados, os fazeres cotidianos, as dificuldades para frequentar a escola, para se tornarem e, mesmo, para se manterem professoras. São histórias ímpares, mas que comungam da condição de terem atuado em área rural, no Município de Caxias do Sul, como professoras leigas inicialmente. Considerando as contribuições da História Cultural e, metodologicamente, da História Oral, o artigo analisa as entrevistas e os relatos autobiográficos das docentes, evidenciando o reconhecimento simbólico do fazer docente nas comunidades rurais caxienses no período em estudo.

Palavras-chave: Memórias docentes. Comunidades rurais. Caxias do Sul.

Abstract: The current text narrates the history of two rural teachers who worked in Caxias do Sul, from 1920 to 1950: Alice Gasperin e Irides Lourdes Rech. Weaving the municipality's education history from the ordinary life

* Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professor na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

** Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Pesquisador do CNPq. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

*** Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS.

stories of these teachers allows us to comprehend the rural school setting: the contents taught, the ordinary tasks, the hardships for attending school, for becoming and even keep being teachers. These are odd histories, but ones that share the condition of telling about people who worked in a rural setting in the municipality of Caxias do Sul, as lay teachers, in the beginning. Considering the contributions of the Cultural History and the methodology of Oral History, the issue reviews the interviews and autobiographic reports of the masters, highlighting the symbolic recognition of the teaching action on the caxiense rural communities in this period.

Keywords: Memories. Rural communities. Caxias do Sul.

“Eu era a professora acatada e respeitada.”
(Alice Gasperin)

“Eu gostava de ser chamada de professora.”
(Irides Lourdes Rech)

Considerações iniciais

O presente texto tem como objetivo narrar a história de duas professoras rurais que atuaram em Caxias do Sul, no período de 1920 a 1950: Alice Gasperin e Irides Lourdes Rech. Entretecer a história da educação do município a partir das histórias ordinárias de vida dessas professoras nos permite compreender os cenários escolares rurais: os saberes ensinados, os fazeres cotidianos, as dificuldades para frequentar a escola, para se tornarem e, mesmo, para se manterem professoras. São histórias ímpares, mas que comungam da condição de terem atuado em área rural, no município de Caxias do Sul, como professoras leigas inicialmente. Considerando as contribuições da História Cultural, o artigo analisa entrevistas e relatos autobiográficos das docentes, evidenciando o reconhecimento simbólico do fazer docente nas comunidades rurais caxienses, no período em estudo.

A metodologia utilizada na elaboração do texto foi a História Oral. Dentre as duas entrevistas utilizadas, a da professora Alice Gasperin é pertencente ao Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, em Caxias do Sul. A entrevista com a professora Irides Lourdes Rech foi produzida e transcrita pelo professor Gelson Leonardo Rech e compõe seu acervo pessoal. Nas transcrições literais das falas das entrevistadas, adotamos o uso de itálico.

Nesse texto não pensamos em trazer relatos de professoras que tivessem o mesmo perfil ou vivido no mesmo momento histórico, mas enfatizar diferenças, trajetórias e experiências múltiplas, mas que, em todo caso, convergem em diversos pontos, quais sejam: ambas foram professoras rurais em Caxias do Sul, tendo iniciado a carreira como leigas. De outra parte, Alice permaneceu como professora por mais de quatro décadas, tendo buscado formação. Irides, por sua vez, foi impelida pelas condições da própria família a desistir da docência.

O processo escolar em Caxias do Sul, de 1920 a 1950

Com a participação dos imigrantes e/ou descendentes italianos, o ensino municipal foi sendo introduzido no meio rural da região, com maior intensidade nas primeiras décadas do século XX. Na região objeto deste estudo, as escolas construídas pelas comunidades, com o tempo, passaram à administração municipal, com apoio do governo do Estado que subvencionava o salário dos professores.

Há vários relatos sobre a existência de escolas particulares confessionais, geralmente em sedes distritais ou cidades, convivendo com a iniciativa pública. Tratava-se de escolas predominantemente católicas, por sinal, a diocese de Caxias do Sul foi muito atuante na implantação das mesmas, com o concurso de diversas ordens e congregações religiosas, masculinas e femininas, assumindo as escolas e se dedicando ao magistério.¹ Bergozza (2010) demonstra que, no início de 1900, nos travessões e nas léguas (assim denominadas as localidades do interior), o professor geralmente era escolhido e pago pelas comunidades. Aos poucos, ocorreu intensa participação da iniciativa municipal, com auxílio do governo estadual. (LUCHESE, 2007, p. 136-165). De acordo com Dalla Vecchia; Herédia e Ramos (1998, p. 96), a partir de então, 1900, o número de escolas, de alunos e de professores foi aumentando gradativamente, sendo que em 1910 havia 16 escolas, 16 professores e, aproximadamente, 600 alunos matriculados na rede municipal de ensino. As mesmas pesquisadoras afirmam que a subvenção estadual contribuiu sensivelmente para a escolarização no município, no período de 1910 a 1929, quando as verbas provindas do

¹ Veja-se Grazziotin (2010) que trata das escolas católicas na diocese de Caxias do Sul, nesse período.

governo do estado, eram utilizadas na manutenção de escolas, no pagamento dos professores e na ampliação do número de escolas municipais.

A partir de 1930, ocorreu o incremento do processo escolar motivado pelas políticas públicas, especialmente do governo estadual. Poucos professores tinham a habilitação necessária para atuar como docentes, pois até 1930 o Município de Caxias do Sul não contava com uma escola que habilitasse a formação de docentes. (BERGOZZA, 2010, p. 40). Assim, a partir de 1930, com a instalação da Escola Complementar de Caxias do Sul, mantida pelo governo estadual, possibilitou-se uma formação mais adequada aos professores.

No ano de 1938, o total de habitantes da sede de *Caxias* e da sede dos distritos era de 13.440 pessoas, sendo que os habitantes da zona rural somavam 18.787. Isso justifica o fato de as escolas municipais estarem inseridas, principalmente, no ambiente rural. Foi somente a partir de 1945 que as escolas da rede municipal de ensino passaram a ser instaladas na zona urbana da cidade. (DALLA VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998).

As escolas municipais, localizadas principalmente na zona rural, eram primárias com ensino dividido em quatro anos. Na maior parte delas, havia somente um professor, salvo os grupos escolares que tinham maior número de alunos. Além disso, as escolas eram mistas quanto ao gênero dos alunos, e grande parte dos professores trabalhava com todas as classes em uma mesma sala. Também é possível caracterizar a predominância feminina, mas não exclusiva, de docentes nas unidades escolares. Outro aspecto que é muito oportuno observar está relacionado à religião dos alunos, pois a maior parte das crianças praticava a religião católica.

Além da Escola Complementar de Caxias, também havia, na cidade, o Curso Complementar do Colégio São José, de 1934 até 1940, reabrindo em 1947 com o nome de Curso de Formação de Professores Primários (Curso Normal).² Por se tratar de uma congregação religiosa, as irmãs atendiam exclusivamente ao público feminino e, além disso, eram de caráter particular, atendendo a alunas de famílias com condições econômicas para arcar com a mensalidade. Das alunas mestras formadas pelo Curso Complementar do Colégio São José, algumas também lecionaram na rede municipal.

² De acordo com o documento (folha avulsa) intitulado “Síntese Histórica da Escola São José – Caxias do Sul”, depositado no Colégio São José, na cidade de Caxias do Sul.

De 1930 a 1940, por influência dos governos federal e estadual, as transformações educacionais em termos municipais foram mais profundas. Transformações relacionadas à formação de professores, ao emprego de novos programas de ensino, à influência de novas propostas pedagógicas e ideológicas, entre outras.

A criação do cargo de Orientador de Ensino Primário na Inspetoria Escolar era uma estratégia para manter uma vigilância mais próxima da Administração Municipal para com a escola. A investidura nesse cargo era através de concurso público e, conforme relato de entrevista³ com a orientadora de Ensino Primário Municipal, o secretário estadual de Educação, José Coelho de Souza foi um dos mentores da criação desse novo cargo. A função da Orientação do Ensino Primário visava a nortear os docentes municipais tanto em relação à legislação quanto aos suportes técnico e pedagógico.

As pesquisas a respeito concluem que, na medida em que as escolas públicas iam surgindo, a escola particular deixava de ser necessária. (KREUTZ, 2003). A escola pública era anseio dos descendentes de imigrantes italianos, pois não tardaram a se organizar e a reivindicar às autoridades esse tipo de escola. A preferência pela escola pública também radica na gratuidade das mesmas e no ensino mais intenso da língua portuguesa, considerado pelos imigrantes como condição para uma melhor inserção na sociedade circundante. Mesmo em escolas não públicas, professores negociavam a subvenção do estado para intensificar o ensino de português. (LUCHESE, 2007).

Durante o período em estudo, as terminologias das unidades escolares sofreram diversas alterações, com a utilização dos seguintes termos: Aula Municipal, Escola Isolada e Grupo Escolar. O número de Escolas Isoladas, mantidas pelo Município de Caxias do Sul, no período entre 1937 e 1945, era muito superior à quantidade de grupos escolares: eram oito grupos escolares e 81 escolas isoladas.

Até 1945, o ensino municipal estava voltado exclusivamente à instrução primária, estruturada em quatro anos, ou seja, 1º ano, 2º ano, 3º ano e 4º anos. Para o aluno ser promovido para o ano seguinte, havia a necessidade

³ Essa entrevista faz parte do Acervo do Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA) e foi realizada no ano de 1983.

de aprovação no exame final. Os exames finais eram um momento muito importante dentro da comunidade escolar, de modo semelhante ao que ocorria nas escolas étnicas da imigração alemã. (KREUTZ, 2004). Em algumas das escolas municipais da época, os exames finais eram o momento de demonstrar as atividades⁴ que foram desenvolvidas durante o ano letivo para a comunidade escolar e para a comissão examinadora.

A administração municipal escolhia a comissão examinadora, sendo essa presidida pelo Inspetor Escolar. Os alunos prestavam exames perante as autoridades escolhidas e essas utilizavam um roteiro baseado nas atividades desenvolvidas durante o ano escolar. A duração dessa prova era de três horas. (DALLA VECCHIA, HERÉDIA; RAMOS, 1998, p. 147).

Os alunos eram avaliados de acordo com os conteúdos propostos nos Programas de Ensino decretados pela Prefeitura Municipal. Foram dois os programas norteadores dos conteúdos: um deles intitulado “Programma Official para o Ensino nas Escolas Rurales do Município de Caxias”,⁵ e o outro: “Programa de Ensino para as Escolas Municipais”.⁶ O primeiro foi utilizado entre 1936 e 1943, e o último, a partir de 1944.

Do quadro total de professores da Rede Municipal, no início da década de 50 (séc. XX), 32 docentes haviam cursado a Escola Complementar, depois, Escola Normal Duque de Caxias. (ROSO, 2012). Outros haviam se preparado e submetido aos exames de suficiência, prescritos como condição para quem não tinha a devida titulação e quisesse continuar no magistério.⁷ Diversas iniciativas do governo municipal, partindo das referências e normatizações emanadas dos governos estadual e federal, promoveram, progressivamente, a qualificação das condições de ensino e a formação docente, mas foi um processo gradativo.

⁴ Conforme Atas de Exames Finais pesquisadas.

⁵ Decreto n. 8, de 24 de abril de 1936. Depositado no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA).

⁶ Decreto n. 43, de 22 de novembro de 1943. Documento depositado no AHMJSA.

⁷ Para ilustrar essa condição, pode-se apontar o caso da professora Verônica Camassola. Em 29 de outubro de 1945, a Inspetoria Escolar de Caxias do Sul comunicou, em ofício, à professora Verônica Camassola que deveria submeter-se a um exame de suficiência para poder continuar no magistério e lhe ofereceu a oportunidade de um curso preparatório para esse exame. (Documento depositado no AHMJSA).

A história da professora Alice Gasperin

A professora Alice Gasperin nasceu em 1906, na localidade chamada Barracão,⁸ em Bento Gonçalves, filha de imigrantes italianos. Ainda pequena, com a família, mudou-se para a Linha Sertorina, a poucos quilômetros dali, mas pertencente, naquela época, ao Município de Caxias do Sul. Em seus relatos autobiográficos⁹ e também em entrevista, refletiu sobre a infância, a família, a escola, a comunidade e como se tornou professora da comunidade em que vivia. Sobre o início de sua escolarização, a professora Alice contou, na entrevista, que sua mãe lhe comprou um tamanquinho e que fora até o consulado, em Bento Gonçalves, e ganhara um livro. Esse primeiro livro, decorridos mais de oito décadas, marcou profundamente Alice, que assim o descreveu: “Comecei a ler o meu livrinho. Era bonito. A capa colorida: um menino correndo, levando uma pandorga assim correndo. E eu me lembro ainda. Ele tinha botinas, tinha calça curta e o nome dele era Carlino... italiano. A escola era italiana.” (ENTREVISTA, 1996).

Ao descrever a escola italiana que frequentou, registrou Alice:

Em 1913, no começo do ano letivo, cinco meses após o falecimento do papai, comecei a frequentar a escola. Tinha apenas seis anos. Naquele tempo, talvez pelas frequentes faltas dos alunos em vista dos trabalhos da lavoura, o ensino era individual. Cada aluno tinha o seu aproveitamento de acordo com a frequência. Muito dependia também da vontade de aprender de cada um, ou do incentivo e interesse dos pais. A escola ficava perto da nossa casa, dentro do nosso terreno. Mamãe comprou-me um par de tamanquinhos. A professora era uma senhora italiana, chamada Camila Roncaronni. [...] Veio para a colônia italiana de Caxias e apresentou-se na Prefeitura Municipal como professora. Mandaram-na na Sertorina, porque lá estava vago o cargo. No prédio da escola da Sertorina havia também moradia para o professor. Tinha a sala de aula, um quarto, uma saleta e pelos fundos um puxado do comprimento do prédio. Ao final do puxado, um outro quartinho. Um pouco afastada do prédio, uma

⁸ O nome da localidade permaneceu como referência ao barracão que abrigava os imigrantes recém-chegados a partir de 1875.

⁹ Além da entrevista, para a escrita deste texto, foram utilizados os relatos autobiográficos escritos e publicados por Gasperin (1984, 1989).

pequena cozinha com a lareira de terra socada. Lecionava em língua italiana. [...] A “maestrona” só falava italiano. Os livros todos italianos. Eu nem podia achar estranho, porque não sabia da existência de outras línguas. Sabia que éramos italianos, porque assim diziam os pais em casa. Frequentei só pouco tempo a escola da “maestrona”. Não aprendi nada. (GASPERIN, 1984, p. 113-116).

Na sequência de seu relato, explicita a importância do professor, já que a *maestrona* fora substituída por uma professora que falava e ensinava o português, com quem ela “realmente teria aprendido”. Alice indica, em suas memórias, questões interessantes como o problema da frequência, da falta/inexistência de preparo de muitos professores, o ensino em língua italiana (provavelmente o dialeto vênето era falado, e os livros eram escritos em italiano gramatical), a responsabilidade assumida pelo aluno na sua aprendizagem, o professor vivendo nas comunidades. Em suas lembranças, afirma que as “*crianças em algazarra iam e voltavam da escola, que ficava perto de nossa casa, praticamente dentro da nossa propriedade. Por todos os lados, movimento e alegria*”. (Apud GASPERIN, 1989, p. 26). A substituição da “maestrona” foi contada:

Pouco tempo depois veio outra professora. Moça bonita, distinta. Na escola falava e ensinava em português. Eu gostava muito de ir à escola. Comecei logo a aprender. Passei na frente da Azelina [irmã mais velha] e ganhei o segundo livro antes do que ela. O ensino era individual quanto à leitura. Ditado e contas fazíamos em conjunto. As contas ia bem, aprendi com facilidade a tabuada. Preparava à risca os meus deveres. A professora se chamava Epiphânia Loss, apelidada de Fany. Muito boa professora. Cumpridora de sua missão, embora não estivesse bem preparada. O que sabia, ensinava. (GASPERIN, 1984, p. 117).

Alice, avaliando ainda os conhecimentos que eram trabalhados em sala de aula, recordou que

a professora sabia pouco. Naquele tempo, era suficiente que as crianças aprendessem a ler e escrever, isto é, caligrafia e ditado, e fazer as quatro

operações de números inteiros. Ela tinha boa vontade. Mandava-nos decorar tudo, sem explicar nada. Geografia sabíamos bem. Tínhamos a de Souza Lobo, que continha mapas do Brasil e do Rio Grande do Sul, bem como atlas dos demais continentes. [...] Mandava-nos decorar e também localizar tudo nos mapas. Usávamos uma História do Brasil com perguntas e respostas. Eu sabia mais da metade da história, tudo decorado. Sabia responder qualquer pergunta de acordo com o livro. Ciências, nunca ouvi falar. Gramática, usávamos a de Clemente Pinto. Sabia substantivos, singular, plural, gêneros, adjetivos, verbos regulares e auxiliares, ser e estar e nada mais. [...] Nunca fizemos redação, nem escrevíamos frases. [...] Ditado tudo certo. Eu tinha uma certa prática de escrever cartas, porque mamãe escrevia e recebia cartas de seus parentes que moravam longe. Nós as líamos também. Em matemática eu tinha facilidade. Era rápida em tabuada. Sabia fazer as contas das quatro operações com números inteiros, com as respectivas provas. Mas aprendi mais com a mamãe do que com a professora. (GASPERIN, 1984, p. 123-124).

O ensino era individual, pautado na memorização, enfatizando o que se acreditava ser o essencial: a leitura, as principais noções matemáticas e a escrita. Afora algumas noções de história e geografia, noções de civismo também foram trabalhadas. Dentre os livros didáticos, a professora Alice recordou o uso também do livro de Hilário Ribeiro, no segundo ano. Afirmou ainda que a professora Fani era severa e rememorou: “*Tinha medo da professora, muito medo. Era bonita, bem vestida.*” (ENTREVISTA, 1996). Conforme Alice, ela gostava de ir à escola, mas as dificuldades com que a mãe, viúva, lutava para manter os filhos frequentando a escola, transparecem de forma recorrente em seu relato. A falta de roupas foi um dos obstáculos a ser enfrentado:¹⁰

¹⁰ Com relação ao problema das roupas vale reafirmar a dificuldade que muitos colonos tinham de adquirir tecidos. Geralmente o faziam uma vez por ano e compravam os rolos inteiros de fazenda, transformados pelas mãos hábeis das mulheres da casa em roupas – costuradas em tamanho maior para que durassem, pudessem ser usadas por mais tempo pelas crianças. Como eram famílias numerosas, as roupas iam sendo passadas dos maiores para os menores e, remendadas nas noites de filó, especialmente, à luz do *chiareto* (lampião).

Eu gostava de ir à escola. Sentia muito, quando por alguma necessidade, tivesse que perder aula. Certo dia, já noite, mamãe disse-me que no dia seguinte não poderia ir à escola, por que o vestidinho que tinha no corpo estava sujo. A professora era exigente quanto à higiene. O vestidinho que eu usava para ir à escola, como também o vestidinho domingueiro, tinham sido lavados e não secaram. Chorei. Mas conformei-me. [...] De manhã, ao clarear do dia, mamãe acordou-me para que levantasse logo. Apressei-me e fui na sala da cozinha. Mamãe estava costurando um vestidinho novo e chamou-me para experimentá-lo. [...] Na hora de ir para a escola, o meu vestidinho novo estava pronto, com botões e tudo. Felicíssima, não perdi aula. (GASPERIN, 1984, p. 72).

Alice comentou sobre a importância do trabalho agrícola, somado à ida à escola, às tarefas que ela e os irmãos assumiam diariamente, dando conta de auxiliar a mãe. Note-se, ainda, o apoio da família ao trabalho dos professores: na cobrança para que as crianças realizassem também as tarefas de aula e no castigo duplo, na escola e em casa, quando não tivessem bom comportamento. Ressalta que “*nunca ia dormir sem saber as minhas lições [...]. Mamãe sempre dizia que perdoava se fôssemos castigados por não sabermos as lições, porque às vezes a inteligência não ajudava. Mas se fôssemos castigados por distração ou mau comportamento, ela nos castigaria também*”. (Apud GASPERIN, 1984, p. 75). Lembrou que decorava tudo para as provas. Para os que não acertassem os questionamentos da professora, os castigos vinham em forma de reguadas ou reprimendas orais. Recordou o uso da palmatória por parte dos professores, e que os pais apoiavam plenamente as punições aplicadas pelos docentes aos alunos.

Tendo frequentado cerca de seis anos de escola, Alice e todas as demais crianças e jovens ficaram sem poder continuar os estudos. A saída da professora Epifhânia, em consequência de seu casamento, deixou a escola vaga. Segundo Alice, pessoas da comunidade organizaram-se para reclamar em Caxias do Sul, na Intendência, mas afirmavam que não havia professores disponíveis. Reunidos na comunidade, os pais decidiram que alguém entre eles poderia assumir o cargo. Sugeriram, então, que Alice fosse indicada. O processo de seleção, as exigências de conhecimentos, o valor do pagamento que passou a receber e a preocupação com a nova tarefa de docente que Alice assumiu a partir de 1920, aos 13 anos, foram relatados:

A comissão insistiu com mamãe para que disséssemos que eu tinha quinze anos, em vez de treze. Assim, o presidente da comissão, Antônio Cirelli, propôs que mamãe e eu fôssemos a Caxias. Ele nos acompanharia, porque tinha prática da cidade. Eu teria que me submeter a um exame. Embarcamos no trem em Nova Sardenha. [...] Na manhã seguinte eu e mamãe apresentamo-nos na Prefeitura Municipal. O Inspetor Escolar mandou-me fazer uma cópia. Saí-me bem por que minha letra não era das piores. Depois um ditado. Também me saí bem. Estava mais ou menos firme no ditado. Perguntou-me os nomes dos Estados e das capitais do Brasil e, também soube responder com segurança. Por fim, perguntou-me se sabia fazer as quatro operações e respondi afirmativamente. “Pode começar a trabalhar segunda-feira. Ordenado 60\$000, sessenta mil-réis mensais” disse-me ele. Aquela segunda-feira era o dia 19 de abril de 1920. Saímos da prefeitura [...] ao descer a escada externa mamãe olhou para mim e sorriu. [...] Chegadas em casa, todos me admiravam. Nova assim e ser aprovada professora em Caxias. Mamãe comprou-me logo um dicionário e um secretário [livro com modelos de cartas], livros que ainda conservo, e disse-me: “Procura trabalhar bem por que serás responsável pelo bem ou pelo mal dos alunos.” (GASPERIN, 1984, p. 125).

Com 13 anos, de aluna, Alice foi transformada em professora. Fora aprovada numa seleção onde bastava saber o que se acreditava seria necessário ensinar. E ela registrou as angústias advindas de reconhecer quão pouco sabia para o exercício da docência. A professora Alice, decorridos tantos anos, no momento da entrevista, afirmou que foi uma professora *improvisada*. Durante os primeiros anos, seguiu o modelo aprendido com sua professora Fany, mas buscara aperfeiçoar-se procurando aulas particulares em Bento Gonçalves, com o professor Felix Faccenda:

Em Bento havia um professor público que também dava aulas particulares, tanto durante o ano letivo como nas férias. [...] Hospedada na casa dele por um mês. [...] Posso dizer que tratou-me como filha. Só me lecionou matemática e português. Comecei a fazer redação. Encontrei dificuldade, porque não tinha experiência alguma. Falta de prática e de leitura. Em aritmética, aprendi frações decimais, sistema métrico, com todos os problemas e frações ordinárias do livro

de Souza Lobo. Quando cheguei em casa, passei a limpo todos os exercícios e todos os problemas, para não esquecer. [...] Comprei livros. [...] Em três ou quatro férias aprendi toda a matemática de Souza Lobo. Passei a limpo todos os exercícios, problemas, fórmulas. Também a Geometria, com todas as fórmulas e problemas. [...] O professor além da redação diária, mandava fazer requerimentos, comunicações, cartas familiares e comerciais. Com esses três ou quatro meses de aulas nas férias, defendi-me lecionando vinte e quatro anos na Sertorina. (GASPERIN, 1984, p. 126).

Em 1928 iniciou-se um trabalho de verificação dos conhecimentos dos professores que atuavam no Município de Caxias do Sul. Alice precisou, para se manter no cargo, realizar os exames. Anotou:

A Prefeitura Municipal de Caxias, dois anos seguidos, convocou os professores municipais a prestar exame, a fim de saber ou conhecer o nível técnico dos mesmos. No primeiro ano convocaram uns poucos de cada vez. O exame era feito numa pequena sala da Prefeitura. [...] No ano seguinte convocaram todos os professores ao mesmo tempo e no mesmo dia. [...] Éramos mais ou menos uns oitenta professores, incluídos os da cidade, que trabalhavam no interior. [...] Em Caxias hospedamo-nos num hotel já conhecido. Havia outros professores no mesmo hotel e fizemos amizades. [...] Enquanto estávamos aguardando na escadaria da Prefeitura chegaram outras colegas. Todas bem vestidas. [...] Juntamo-nos todas e dirigimo-nos a um casarão. [...] De manhã prestamos a parte escrita de português e matemática, e de tarde a parte oral, incluindo Geografia e História. [...] Em português caiu ditado, verbos, análise gramatical de uma frase que incluía todas as partes principais da gramática e por fim uma redação. O tema da redação era uma carta sobre o dever do Mestre. Em matemática caíram problemas com números inteiros, sistema métrico e frações ordinárias. Em História, capitânias e governadores do Brasil, geografia física e política. [...] No fim dos exames, já no final da tarde, percebi que a Comissão Examinadora passava de mão em mão, entre si, uma das provas. Por fim, a presidente da Comissão disse em voz alta: “A professora Alice Gasperin faça o favor de levantar-se.” [...] A professora que mandou-me levantar anunciou: “A sua prova é excelente, está em primeiro lugar. Tanto no ano passado como agora, a senhora

conservou o primeiro lugar. ” Eu nem sabia que tinha tirado o primeiro lugar no ano anterior. Nem sei se cheguei a agradecer de tanto que tremia. [...] Eu comprava livros e gostava de ler, mas não lia com muita atenção porque estava mais interessada no enredo. Tinha pouco tempo. De manhã lecionava sempre com muitos alunos e de tarde bordava para fora, atendendo às freguesas. (GASPERIN, 1984, p. 131-133).

Mesmo tendo obtido distinção entre os demais professores, Alice revelou que pouco tempo tinha para aprofundar os estudos. Para garantir uma condição salarial melhor, ela conciliava o trabalho de ensinar com o de bordadeira, mas não se contentou em parar de estudar. Alice resolveu, na década de 30 (séc. XX), fazer as provas do Curso Complementar, obtendo o reconhecimento oficial da profissão docente que já exercia há mais de uma década. Para isso bastava fazer as provas em Caxias do Sul. Com o objetivo de preparar-se, buscou novamente aulas particulares com o professor Felix Faccenda:

Procurei o professor Faccenda para ver se ele poderia reservar-me uma tarde por semana. Ele riu. Perguntou-me o que eu pensava aprender em tão pouco tempo. Respondi-lhe que eu pretendia aprender a escrever direito. Para aprender a escrever, disse-me ele, é preciso ler muito e livros de bons autores e prestar atenção como eles escrevem. [...] O professor Faccenda mandava-me fazer redação, análise lógica, requerimentos, ofícios, cartas comerciais e familiares, etc. [...] Me ensinava Português, Francês e Matemática. [...] Como eu estivesse bem em Matemática, o professor perguntou-me se eu não queria aprender Contabilidade, parte prática. Aceitei. (GASPERIN, 1984, p. 134-136).

Alice preocupou-se, como muitos outros professores, em buscar cursos de aperfeiçoamento, atuando na docência por 45 anos. Na comunidade, desde cedo reconhecida e admirada, ensinou o catecismo:

Comecei a ensinar o catecismo na Igreja, aos domingos à tarde. Fiz isso na igreja da Sertorina por vinte longos anos, sem remuneração alguma. [...] Costumava ir cedo à capela, a fim de observar as crianças, todos meus alunos, enquanto brincavam no adro da igreja. Homens em grupos falavam sobre seus trabalhos semanais; mulheres com crianças no colo, ou agarrados às saias, ajuntavam-se à sombra dos plátanos para conversar sobre os seus filhos e suas preocupações. Namorados chegavam para o esperado encontro semanal. [...] Eu era a professora, acatada e respeitada. (GASPERIN, 1989, p. 31). Eu mesma, ensinava na escola diariamente as orações em português por obrigatoriedade da língua de escola municipal, mas na igreja ensinava o catecismo em italiano. Os padres sempre foram italianos e se dirigiam ao povo e às crianças no seu idioma. (1989, p. 52).

Não apenas foi acatada como a autoridade local que detinha o saber, mas também procurada por muitos em busca de um conselho ou opinião. Ajudou nos casos em que acreditou, no que podia, e encaminhou outros:

Fui um dia procurada por uma senhora conhecida e respeitada, que tinha o hábito de chamar-me respeitosamente de professora, embora fosse tão mais velha do que eu. Revelou-me coisas que martirizavam seu coração. [...] Pedia-me um conselho... [...]. Grande foi meu embaraço, face a um caso que ultrapassava a minha experiência e os meus conhecimentos. [...] Sugeri que procurasse um padre. (GASPERIN, 1989, p. 35).

As leituras, os cantos litúrgicos e a condução de terços foram por ela coordenados. Foi requisitada ainda pelas famílias no momento de fazer negócios (como compra e venda de terras), para que as aconselhasse. Os fazeres docentes estavam relacionados com uma presença na comunidade e não apenas na escola.

A história da professora Irides Lourdes Rech

Uma experiência de vida longa e de docência breve e rica é o que encontramos na entrevista com Irides Lourdes Rech (Dona Irides), filha de descendentes italianos, que, na fragilidade dos seus 77 anos, relatou sua

passagem pela docência leiga. Uma pessoa sem formação específica, como tantas outras, que se dispôs a ensinar em meio às adversidades e situações que a impediram, posteriormente, de continuar seus estudos e “*ser professora de verdade*”.

Na localidade de Fazenda Souza, interior de Caxias do Sul, tendo estudado dos 10 aos 13 anos no Grupo Escolar de Fazenda Souza, Irides Lourdes Sasset (nome de solteira) filha de Luciano Sasset e Graciema Borelli Sasset, nascida em 1935, lecionou de forma voluntária aos que não se aproximavam da escola quer por a negligenciarem, quer em virtude da opção preferencial pelo trabalho, marca remanescente dos primeiros imigrantes. A assiduidade à escola, no meio rural, era comprometida pela mão de obra que as crianças representavam, especialmente no período de plantio e colheita. Dona Irides começou a lecionar informalmente, antes mesmo de concluir o 4º ano aliando-se ao esforço da alfabetização nacional, consciente da dura realidade agrícola de seus alunos e seu meio.

Em 1947, Caxias do Sul tinha cerca de cem escolas municipais, 122 professores (GIRON, 1977) e, embora em Fazenda Souza houvesse várias escolas municipais, duas escolas particulares e uma escola estadual, muitos alunos ainda frequentavam aulas particulares dadas por professores de ofício ou simplesmente um pouco mais instruídos, esses fazendo coro com a tradição de quem sabia algo mais devia ensinar aos que nada sabiam, eco dos primórdios da colonização. As famílias buscavam resolver a questão da educação informalmente, a seu jeito.

Dona Irides não foi a primeira nem a única professora não especializada, leiga, em Fazenda Souza. Como relata, “*na região de Fazenda Souza se falava em Antônio Pereira Sobrinho, chamado Galego que possuía conhecimento muito grande [...]. Era trançador e decidiu ensinar reunindo crianças em troca de alimentos*”. (ENTREVISTA, p. 5). Dona Irides lembra que também ouviu falar de um “*senhor Piva que vinha de vez em quando à Fazenda Souza para ensinar [...]. Ele ensinava as primeiras letras e em seguida as palavras em troca de pouso e comida, mas isso foi bem antes de eu nascer, aí por 1920, 1925*”. (ENTREVISTA, p. 5). De igual forma, Dona Irides pouco ou nada recebia por suas lições de ler, escrever e calcular dadas acerca de cinquenta crianças e adolescentes com os quais teve contato em Fazenda Souza e arredores, inclusive ultrapassando os limites de seu distrito, chegando até Zona Alegre,

comunidade de Santo Anselmo, no atual distrito de Ana Rech. A abnegação é notória:

Meu ganho era dois, três quilos de açúcar ou um metro de fazenda (tecido), ou fazenda para roupa íntima ou pra fazer vestido, ou chapéu de palha. Quem pagava... pois eu nunca cobreí nada. Davam porque queriam. Mas tinha quem não desse nada. Eu ganhava açúcar, que era difícil conseguir. Eu ainda não me importava com o que me davam. (ENTREVISTA, p. 6).

Seu desejo de ajudar e de ser professora fez com que ela começasse a lecionar informalmente antes mesmo de concluir o 4º ano primário no Grupo Escolar de Fazenda Souza, na avenida principal do Distrito o qual frequentou entre os anos de 1946 e 1949. Relata:

Estudei no Grupo Escolar de Fazenda Souza, uma escola ao lado da Igreja Nossa Senhora da Saúde, que é a padroeira da vila. Mas não era a Igreja nova; era bem velha, de madeira. Nessa igreja eu me casei e batizei alguns dos meus sete filhos. A igreja nova ficou pronta em 1959. Foi uma festa. Pelo que me lembro, a escola tinha quatro salas de aula. Mas não tinha aulas em todas. Acho que só duas e mais pro fim (1949), começou também outras salas com aula. Eu estudava com uns 25 alunos juntos. A gente tinha da primeira até à quarta série todos juntos, meninos e meninas juntos. A professora ensinava os quatro livros, um pouco de cada na mesma sala. Sempre foi a mesma professora e a aula era de manhã, tudo de manhã. A escola não funcionava à tarde. (ENTREVISTA, p. 2).

A realidade da aula em um turno revela um número baixo de alunos que frequentavam a escola, bem como sugere adaptação da escola à vida das famílias no interior, na medida em que priorizava o turno da manhã, pois, como salienta Dona Irides, “a tarde era maior e dava para trabalhar mais na roça”. (ENTREVISTA, p. 6).

Com a reforma do ensino primário, através do Decreto-Lei 8.529, de janeiro de 1946, esse foi reestruturado e organizado de forma que o curso durava quatro anos, complementado por mais um ano de preparação ao

exame de admissão ao ginásio. Dona Irides estudou somente quatro anos. Relata que seu desejo era estudar mais e ir para Ana Rech, mas, terminada a 4ª série, permaneceu em casa ajudando a família na agricultura e nos afazeres domésticos.

Ali [Fazenda Souza] era só até aquele curso (4ª série), daí parei. Depois não tinha mais. Assim mesmo eu não podia estudar, tinha que ajudar em casa. Meu pai achava que não precisava. A gente plantava arroz, feijão, trigo e batata também. Eu gostava de estudar. Eu era sempre que ganhava o primeiro lugar. Então, uma vez eu ganhava uma caixinha de lápis de cor, às vezes um caderno. Eu gostava muito de estudar, mas saí e fiquei em casa trabalhando. (ENTREVISTA, p. 3).

A professora de Dona Irides foi Tereza Zanol Barreto que, juntamente com Ilda Bazzo, Vanir Tonolli, Natalina Bogo, Nanci Barros, Zilda Schio, Mari Festugatto e Nilce Reisdorf, marcaram o ensino na localidade e arredores, mesmo não tendo sido as primeiras a lecionarem na região. Tereza Zanol Barreto foi diretora do Grupo Escolar Fazenda Souza. Sobre sua alfabetizadora relata:

Eu só tive uma professora, a Tereza Zanol Barreto. Me lembro bem: ela morava na vila, perto da escola, ficava num hotel, o hotel Girardi. Ela tinha se mudado de Ana Rech para dar aula em Fazenda Souza. Ela vinha dar aula sempre de saia ou vestido preto. As viúvas andavam de preto. Nunca vi ela com outra cor. Ela usava um distintivo de viúva no braço. Ela ficou viúva quando os filhos ainda eram pequenos. Tinha uma filha e um filho. Um deles virou professor, o Clemente Zanol, que estudava as cobras e morreu há alguns anos de tanta picada. Ela era diretora, tudo. Fazia de tudo. [...] A Tereza Zanol tinha uns 45 anos. Achava ela braba, mas ensinava bem. Eu nunca levei “reguada”, mas meus colegas apanharam bastante na mão. Sempre usava saia. Nunca vi ela de calça. Naquele tempo as professoras eram todas bem-arrumadas. (ENTREVISTA, p. 4).

Na década de 30 e 40 (do séc. XX) “a idade das professoras não era levada em consideração, mas sobretudo, o domínio da língua portuguesa que permitisse o processo de ensinar. Muitos dos professores na colônia iniciaram sua vida no magistério bastante jovens, até com 13 anos”. (DALLA VECCHIA, HERÉDIA; RAMOS, 1998, p. 143). A admissão de professores na Rede Municipal de Caxias do Sul, no interior do município, nos idos dos anos 40 (séc. passado), ocorreu pela aprovação nos exames de suficiência, mas houve casos de professores que foram contratados pela indicação da comunidade ou mesmo por autoindicação. Em geral, as professoras que se formavam na Escola Complementar em Caxias do Sul desejavam permanecer na cidade e não na zona rural. Sobre o início de sua docência, Dona Irides lembra:

É que assim, nem todos mandavam os filhos para aula. Então antes mesmo de acabar o 4º ano, eu comecei a lecionar por gosto. Pois pra uns era longe ir para escola, para outros não era tão importante o estudo. Eles [os pais] achavam que o filhos podiam ajudar a trabalhar mas sempre tinha aqueles [pais] que gostavam que o filho aprendesse um pouco. Então eles me chamavam para eles aprenderem um pouco. Às vezes tinha um galpãozinho, uma outra casa com uma sala e eu aí ensinava. Tinha vez que eu ia três, até quatro vezes por semana. (ENTREVISTA, p. 7).

Quanto aos alunos e seus procedimentos como docente relata:

Às vezes tinha três, às vezes quatro, até cinco alunos. Não eram muitos. Eu ensinava matemática, um pouco de tudo, português, ensinava o abc, história, os mapas. A gente conseguia aqui e ali, tinha nos livros meus que eu tinha usado como aluna. Eu usei para ensinar. Havia uma Seleta, muito boa. Usei bastante para leitura. Quando comecei a lecionar eu ainda estava indo na escola, no último ano. Eu também ganhei algumas coisas dos meus colegas de aula que tinham terminado. Eles sabiam que eu queria ser professora de verdade. Eu nunca disse para a minha professora que eu ensinava. Eu tinha vergonha. (ENTREVISTA, p. 7).

Os programas de ensino adotados nessa época eram os que constavam na *Cartilha João de Deus*, posteriormente abandonada, e que constavam nos livros estabelecidos pelo município. A dificuldade com o material era grande.

Os alunos não tinham cadernos e nem livros, eu lia pra eles. Eles usavam a tabela, a gente dizia, de pedra. E ensina ali. Se apagava e se apagava. Mas eles aprendiam bem. Não se usava lápis, pois as pessoas não tinham caderno. Não era fácil ter caderno. Eu tinha porque eu consegui com um, com outro. Os alunos ficavam comigo umas duas, até três horas, por vez, durante até um ano. E aí ficavam prontos, aprendiam a ler e a escrever. A tabuada, essa era bem correta. Eles passavam todo o livro. Eu selecionava o que eu achava importante. Se eu acabasse o livro eu começava de novo até todos estarem bem. Repetia o livro, tudo. Pois não ia todo o ano. Acabava antes de um ano tudo. Eu pegava um pouco do primeiro ano, do segundo, do terceiro e do quarto. Às vezes eu tinha que ir a cavalo porque era longe e era mais fácil eu ir do que todos virem até a minha casa. Não tinha ônibus. E assim ia. Uma vez por mês eles vinham na minha casa. Mas eu ia a pé também, e saía cedo, seis e meia da manhã. A aula começava às oito horas mais ou menos e ia até às onze horas porque depois eu tinha que voltar. Dava aula num galpãozinho. Outras vezes era na casa dos alunos. Os vizinhos vinham e aproveitavam. Era muito bom. (ENTREVISTA, p. 7).

De certa forma, a atividade de Dona Irides ia ao encontro dos objetivos das escolas nas décadas de 30 e 40 (séc. XX), ou seja, ensinar a ler, a escrever e a calcular. Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998, p. 131), comentando sobre os objetivos das escolas municipais da época, afirmam: “O que se esperava era que a escola ensinasse e ensinasse bem, de sorte que os alunos, ao concluírem o curso, estivessem aptos a ler, escrever e contar, com segurança, corretamente.” Dona Irides lembra que os alunos adquiriam essas competências em menos de um ano, e alguns após aprenderem as lições básicas não mais frequentavam.

À época, Fazenda Souza¹¹ tinha uma população majoritariamente de descendência italiana, e o dialeto era muito falado. Apesar de utilizar o dialeto italiano para o dia a dia, as aulas de Dona Irides não eram em italiano.

No dia a dia se falava o dialeto. Tudo em italiano. Dialeto. Mas a aula não. Eu tinha aprendido português. Mas os alunos falavam italiano e eu tinha que pedir para eles falarem português, senão não dava. Eles gostavam mais do italiano. Eu acho que eles aprendiam muito bem. Eu falava dialeto na aula só quando eu chamava a atenção. Eu dizia: Sta fermo, mó! Tasê tosi! Scolteme! Bisogna que te impari! Se non si stá fermo non se imparà!¹² Essas coisas. (ENTREVISTA, p. 8).

Dona Irides tinha a consciência de que não deveria falar em italiano com seus alunos mesmo não estando em uma escola, formalmente. Seguiu, assim, o que se fazia na escola que havia frequentado. Questionada sobre o que ela ensinava a respeito da Itália para os alunos descendentes, explicou:

Não se ensinava muita coisa da Itália, mas eu contava como os antepassados tinham vindo da Itália; que vieram porque lá não tinha comida (isso meu avô contava). Contava que uma criança tinha nascido e tinha morrido na viagem longa e que tinham jogado ela no mar. Eu contava sobre as roupas que usavam, eu falava muito dos padres, das histórias que eu escutava. Falava muito dos padres, pois

¹¹ Bem antes da chegada dos imigrantes italianos, muitos tropeiros passavam pelo atual Distrito de Fazenda Souza em Caxias do Sul. A exploração do local data de cerca de 1760, no Brasil colônia. O proprietário da região à época, Inácio Souza Corrêa, mudando-se para Uruguaiana, vendeu a colônia a Inácio Ribeiro. Na venda das terras realizada em 1º de setembro de 1790, a colônia foi batizada de Fazenda Souza. Anterior a 1951 a região pertencia ao Município de São Francisco de Paula. Os primeiros colonos italianos se estabeleceram nessas terras no ano de 1880, vindos da cidade de Feltre, uma comuna italiana da região do Vêneto. Por volta de 1895, como a região já estava desmatada, as famílias de imigrantes acabaram desenvolvendo a criação de gado para leite e corte. (*site* da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.caxias.rs.gov.br/coordenadoria_distrital/texto.php?codigo=31>. Acesso em: 30 abr. 2012). Fazenda Souza foi anexada a Caxias do Sul em 1940. Na denominada Zona Sasset desse distrito, nasceu Irides Lourdes Sasset.

¹² Tradução da fala dialetal: “Fica quieto!” “Calem meninos! Escutem-me! É necessário que aprendas! Se não se fica quieto, não se aprende!”

era difícil eles irem a todas as comunidades. Falava do padre Girolamo Apolloni da Itália que morava no Seminário dos Padres Josefinos de Murialdo e do padre João Schiavo que era o principal italiano da Congregação. Eu falava sobre a Guerra Mundial, a segunda, pois fazia pouco tempo. A gente prevenia os alunos. Ensinava que não era pra ter medo que eles [os alemães] não viriam mais. A guerra já tinha acabado, mas ainda era muito falada. Muita gente vinha de lá da Itália assustada e contava. (ENTREVISTA, p. 8).

Sobre livros de leitura descreveu:

Eram os meus. Então tinha assim, os pedaços de leitura, exercício e aí todos tinham que ler. Todos os dias tinha uma leitura. Eu usava um quadro na minha casa. Eu passava a leitura no quadro. Os alunos copiavam as palavras do quadro e depois apagavam. Eu emprestava o meu livro na aula para ler na aula. As letras eram grandes. Eu tinha a minha Seleta. (ENTREVISTA, p. 9).

Os alunos que frequentavam as aulas eram *grandes*. Meninos e meninas de 12, 13 anos em geral. Além de ensinar a ler e a escrever, Dona Irides ensinava o catecismo católico. A obediência e o espírito religioso foram valores eminentes na relação educativa. Os pais acreditavam que a escola deveria repassar as rezas para os seus filhos como obrigação escolar. O catecismo e a história sagrada eram ensinados porque a religião católica era obrigatória. Nas aulas voluntárias de Dona Irides ocorria o mesmo. “As aulas incluíam até catequese junto porque não tinha quem desse e eu tinha o catecismo. O padre sabia, gostava e aprovava. A catequese era em casa. Meu pai me deu a catequese. Eu usava um catecismo pequeno que tinha tudo.” (ENTREVISTA, p. 10).

Depois de ter ensinado cerca de cinquenta alunos da região atendendo às demandas da própria família e não mais às dos vizinhos que a estimavam, Dona Irides parou de lecionar. Interrompeu-se um processo com êxito sob o ponto de vista do objetivo de ensinar a ler, a escrever e a contar, embora leigo. Ela não faria os estudos complementares exigidos pelo município à época nem a entrevista com a Direção da Instrução Pública para ser uma professora oficialmente, mas havia sido, na prática, uma verdadeira professora.

Depois eu parei de ser professora. Meu pai não me deixava. Eu queria ser professora de verdade, mas meu pai não deixou. [...] Ele não deixava porque não era muito válido ir daqui e dali como professora. Não era bem vista a gente ir de um lado ao outro. Meu pai não queria. A minha mãe até queria, mas quem mandava era o pai. Ele era muito brabo. Precisava em casa. Nós éramos em 14 em casa e a minha vó velha. A minha mãe tinha que trabalhar na roça. Todo ano nascia um irmão e eu tinha que ajudar em casa, fazer comida, lavar a roupa daí não deu mais. Eu fiquei muito sentida porque as pessoas querem o bem da gente, os pais, todo mundo. Eles dão bastante valor para aqueles que ensinam. Daí eu terminei a turma, eles tinham aprendido a ler e a escrever e parei. Já tinha alunos para o próximo ano. Eu não dava conta, no caso. Todo mundo queria. Os pais que tinham três, quatro filhos e queriam que eu ensinasse porque eles não precisavam sair de casa e dava tempo deles ajudar em casa. Ir à escola demorava pra ir e voltar. Fiquei muito triste, muito, muito. A mãe, por ela, eu podia ir. Ela se sacrificava em casa. Eu podia ter ido por ela. Meu pai era muito severo. Eu era a única que lecionava na redondeza. Eu gostava de ser chamada de professora. Mas resolvi ajudar em casa. Tenho saudades de estudar, lecionar e vontade de trabalhar numa metalúrgica que eu nunca pude. Era outro sonho meu, de jovem. Todo mundo falava da Metalúrgica Eberle. (ENTREVISTA, p. 10).

Considerações finais

As histórias de vida das professoras Alice Gasperin e Irides Lourdes Rech são possibilidades singulares para olharmos a história da educação rural em Caxias do Sul. Marcadas pelas contingências do tempo em que viveram, percebe-se, em ambas, o protagonismo, a coragem e a disposição em assumir, em nome da comunidade e do bem-comum, a docência. Alice afirma que durante sua vida conciliou a condição de professora com a de costureira; já Irides, mesmo que sua experiência como docente leiga tenha sido interrompida pelas condições familiares, foi muito atuante.

No que se refere à condição de professoras leigas, é importante considerar o estudo de Prestes (1980). No fim dos anos 70 (séc. XX), ela verificou em seu estudo que 42,8% dos professores que atuavam na região de abrangência

da 4ª Coordenadoria Estadual de Educação¹³ eram professores leigos, sendo que desses, 11,8% possuíam apenas o curso primário. Ainda: Prestes afirma que “65,6% dos professores não foram preparados para a atividade que executam, nem ao menos através de cursos rápidos de atualização ou aperfeiçoamento”. (1980, p. 74). Apontava para o desejo manifestado por diversas docentes (89,9% eram mulheres) em frequentar cursos de aperfeiçoamento, sendo que o período de férias fora o mais indicado.

As histórias de vida de Alice Gasperin e Irides Lourdes Rech são exemplos ordinários dos saberes e fazeres docentes na região. Nesse sentido, Luchese afirma que

a dinâmica de vida das histórias desses professores e de cada um dos muitos que atuaram na Região Colonial Italiana, persistindo por décadas no exercício da profissão ou abandonando-o, por razões diversas, é reveladora da riqueza cotidiana. Foram esforços, jogos de poder, sonhos, desafios de um fazer docente pautado em práticas empíricas, em possibilidades criativas e inventivas. No engendramento do ensinar e do aprender, é possível inferir sobre as semelhanças nas condições e nas dificuldades enfrentadas por todos os professores da região. (2007, p. 362).

O compromisso com a comunidade por parte do professor ao atuar com diversas atividades como catequese, participação de espaços de convivência, exemplo de conduta moral – são recorrentes. De outra parte, se percebe o reconhecimento simbólico do fazer docente nas comunidades rurais caxienses e sua valorização.

¹³ Para o período do estudo, correspondia aos Municípios de Antônio Prado, Cambará do Sul, Canela, Caxias do Sul, Flores da Cunha, Gramado, Nova Petrópolis, São Francisco de Paula e São Marcos.

Referências

- BERGOZZA, Roseli Maria. *Escola Complementar de Caxias: histórias da primeira instituição para formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – UCS, Caxias do Sul, 2010.
- DALLA VECCHIA, Marisa V. Formolo; HERÉDIA, Vania B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. *Retratos de um saber*. Porto Alegre: EST, 1998.
- GASPERIN, Alice. *Farrroupilha: ex-colônia particular Sertorina*. Caxias do Sul: Ed. da Autora, 1989.
- GASPERIN, Alice. *Vão Simbora: relato de imigrantes italianos da Colônia Princesa Dona Isabel do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educus, 1984.
- GIRON, Loraine Slomp. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: EST, 1977.
- GIRON, Loraine Slomp. Colônia italiana e educação. *Revista História da Educação*, Pelotas: UFPel, n. 3, v. 2, set. 1998.
- GRAZZIOTIN, Roque Maria Bocchese. *Pressupostos da prática educativa na Diocese de Caxias do Sul – 1934 a 1952*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – UCS, Caxias do Sul, 2010.
- KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane M. T. et al. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- KREUTZ, Lúcio. *Professor Paroquial: magistério e imigração alemã*. 2. ed. Pelotas: Seiva, 2004.
- LUCHESE, Terciane Ângela. *O processo escolar entre imigrantes da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (1875 a 1930): leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita*. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Unisinos, São Leopoldo, 2007.
- PRESTES, Gelça Regina Lusa. *Qualificação do magistério de 1º grau da 4ª Região Escolar: um diagnóstico para planejamento*. 1980. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 1980.
- RIBEIRO, Liane B. Moretto. Escolas italianas em zona rural do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis A. *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. II.

ROSO, Paula Mincato. *Anotações de pesquisa*: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Caxias do Sul: Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012. Manuscrito.

FONTES ORAIS

ENTREVISTA com Alice Gasperin, realizada em 18/1/1996, por Sônia Storchi Fries e Susana Grigoletto. Transcrita por Sônia Storchi Fries, de 17 a 19 de junho de 1996. 10 páginas. FG 195. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul.

ENTREVISTA com Irides Lourdes Rech, gravada em 7 de abril de 2012 e transcrita por Gelson Leonardo Rech. Acervo pessoal.

Recebido em 5 de março de 2012.
Aprovado em 18 de abril de 2012.